

## O ESTUDO DAS DÍADES NOS ATRASOS DE FALA

Irani Rodrigues Maldonade<sup>91</sup>  
Maria Salete Franco Rios<sup>92</sup>

### RESUMO

O trabalho objetiva refletir sobre três díades mãe-criança, diagnosticadas com atraso de fala/linguagem aos três anos de idade por pediatras de unidade básica de saúde e encaminhados à Fonoaudiologia para avaliação e possível tratamento. Foram interpretados dados das mães em contato com seus filhos, que não tinham outras alterações de saúde, à luz da proposta interacionista de De Lemos. A proposta das três posições da criança no processo de aquisição da linguagem da autora (De Lemos, 2002) permitiu tratar, mais de perto, da transformação do *infans* em sujeito falante. Observou-se que as crianças ocupavam pouco seus turnos dialógicos, que quando preenchidos por vocalizações, onomatopias, e/ou “palavras reduzidas” repostas das falas precedentes no diálogo, nem sempre eram interpretados pelas mães, que apresentavam a tendência de referi-las em terceira pessoa. Os registros apontaram que as mães, geralmente, invadiam os turnos destinados às crianças, preenchendo-os na interação. Os resultados mostraram que seria ingênuo esperar que a simples descrição das manifestações sonoras das crianças pudesse configurar isoladamente padrões de desenvolvimento e/ou progressos no processo de aquisição da linguagem, pois este é marcado por mudanças linguísticas e também subjetivas. O lugar das crianças no discurso das mães foi o de dependência, assim como os cuidados que demandavam colaboraram para anunciá-las na posição de *infans*. O interacionismo foi útil tanto para entender melhor os atrasos de fala/linguagem como também para propor outro caminho para o tratamento dos mesmos em Fonoaudiologia. As díades analisadas indicaram que não houve necessidade de as crianças serem atendidas em terapias individuais. A intervenção realizada foi em grupo de *orientação* às mães, com enfoque nos aspectos relativos à posição da criança no seu processo de aquisição da linguagem. Neste sentido, permitiu focar algo além do que as relações entre os fragmentos da fala da criança e os enunciados das mães fazem ver.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição da linguagem. Atraso de fala/linguagem. Interacionismo.

### ABSTRACT

The work's objective is to discuss about three mother-child dyads, diagnosed with speech/language delay at 3 years old by pediatricians of basic unit of health-care and referred to the speech therapist for an evaluation and possible treatment. Data from the interaction between the mothers and children were interpreted, as they do not have any other health alterations, in light of interactionist proposal by De Lemos. The proposal of the three positions of the child in language acquisition process by the author (De Lemos, 2002) permitted to see, more closely, the *infans* transformations into the speaking subject. It was observed that the children barely filled their dialogues turns, that when filled by vocalizations, onomatopoeia, and/or “reduced words” came from the preceding speeches in the dialog, were not always interpreted by their mother, who had the tendency to refer to them in the third person. The registration notes showed that mothers usually invaded the children turns, filling them in interaction. The results showed that it would be naive to expect that a simple description of children sound manifestations alone could set patterns of development and/or progress in language acquisition process, once it is marked by linguistic and also subjective changes. The place of the children in mother's speech was a dependent one, as well as the care they demanded collaborated to announce them in the *infans* position. The interactionism was useful both to understand better the speech/language delays as well to propose another form of treatment in speech therapy. The dyads analyzed indicated that there was no need for individual therapy. The intervention was conducted in a mother's orientation group, focusing on aspects of the child's position in the language acquisition process. In this sense, it allowed to focus on something other than the relationship between fragments of children speech and the mothers' utterance show.

**KEYWORDS:** Language acquisition. Speech/language delay. Interactionism.

---

<sup>91</sup>Docente da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Contato: irani@fcm.unicamp.br e iranirm@uol.com.br

<sup>92</sup>Fonoaudióloga, Mestranda (Pós-graduação FCM-Unicamp).

## INTRODUÇÃO

Tem-se observado, ultimamente, nas clínicas de Fonoaudiologia, principalmente no serviço público, um aumento da demanda para atendimento de crianças, encaminhadas por pediatras, com queixas de “atraso de fala/linguagem”. Para avaliar crianças que ainda não falam, a Fonoaudiologia tradicional propõe alguns protocolos, que tendem a focalizar as ações da própria criança (o indivíduo). Entretanto, isso não parece ser o suficiente. Conforme apontam Wiethan, F. M.; Souza, A. P. R.; Klinger, E. F., (2010), torna-se imprescindível uma análise mais detalhada dos aspectos interacionais dos diálogos dos quais a criança participa, mesmo porque eles serão fundamentais para a decisão diagnóstica e, posteriormente para a obtenção de resultados terapêuticos fonoaudiológicos satisfatórios, se este for o caso.

Na área de Fonoaudiologia, até os estudos que entendem a *linguagem* apenas como *comunicação* mostram a necessidade de analisar as habilidades comunicativas em detalhes, seja em relação aos outros interlocutores e/ou aos dados de contexto. É quase um consenso, para esse grupo de fonoaudiólogos que, atrelado ao “desenvolvimento” da linguagem estaria também o desenvolvimento psicológico (emocional e cognitivo) da criança. Porém, se pensarmos que o processo de aquisição de linguagem dito “normal”, de qualquer perspectiva teórico-epistemológica, já implica mudanças, como proceder diante do mistério que envolve seu ponto de partida (a origem), no que se refere ao processo de aquisição de linguagem nos atrasos de fala/linguagem?

Para tentar responder a questão, este trabalho buscará refletir sobre três díades mãe-criança diagnosticadas por pediatras da rede pública de saúde de uma cidade do interior do estado de São Paulo, com atraso de fala/linguagem aos 3 anos de idade, razão pela qual foram encaminhadas ao serviço de fonoaudiologia para avaliação e tratamento. Para tanto, serão utilizados os registros produzidos pela fonoaudióloga, que atuou em unidade básica de saúde no serviço público, à luz da proposta interacionista de De Lemos (desde 1982). Com base nessa teorização, a qual se faz adesão aqui, pergunta-se ainda: o atraso na aquisição da linguagem poderia ser visto como um funcionamento particular em meio ao funcionamento geral do processo de aquisição da linguagem?

Para dar prosseguimento ao desenvolvimento do tema proposto, apresentamos, na próxima seção, brevemente, o quadro teórico.

## O INTERACIONISMO

A teorização desenvolvida por De Lemos e colaboradoras pode ser vista como uma proposta original se comparada a outras perspectivas teóricas, também reconhecidas como

interacionistas, existentes na área de aquisição da linguagem. De Lemos (1982) identificou dois teóricos que, apesar de partirem do reconhecimento de que as crianças repõem a fala do outro em suas próprias falas, não chegaram a propor um mecanismo de mudança linguística e subjetiva que explicasse o processo de aquisição da linguagem. Na verdade, isso só foi formulado no interacionismo, pela autora, anos mais tarde, em 1992 através da proposta dos processos metafóricos e metonímicos como mecanismo de mudança. De acordo com a autora, Bruner (1975) voltava-se para aspectos da construção da dinâmica dual da reciprocidade, mas permanecia comprometido com a visão de que o desenvolvimento cognitivo precedia a linguagem. Tanto isso é verdade que essa preocupação é logo mostrada pelo título de seu artigo: “A ontogênese dos atos de fala”. No entanto, M. T. De Lemos (2002) destaca que a contribuição de Scollon (1979) foi ainda maior para a área de aquisição da linguagem, podendo até ser referida como uma descoberta na área, pois em sua atividade de transcrição de fitas de fala de crianças, descobriu algo digno de nota: a chamada “sintaxe vertical”. Tratava-se da reposição de fragmentos dialógicos (suas partes), que procediam dos enunciados dos interlocutores, precedentes à fala da criança em sua própria fala. Desta forma, De Lemos (1982) propôs o diálogo como unidade de análise e passou a problematizar a análise da fala da criança a partir das categorias derivadas da descrição linguística. A consequência imediata para a teorização foi incluir também a fala do outro como dado de análise. Mais do que isso, os processos dialógicos (especularidade, complementaridade e reciprocidade, inicialmente propostos pela autora) mostravam a fala da criança ancorada na fala do outro (principalmente na da mãe, que se constitui, normalmente, como o interlocutor privilegiado no processo de aquisição da linguagem). Entretanto, foi preciso deixar claro que o adulto não era simplesmente visto como aquele que ensinava ou transmitia a língua à criança, ou seja, meramente como um provedor de significados. Na teorização proposta por De Lemos (1992, 2002), ele é concebido como instância de funcionamento da língua.

O interacionismo proposto distancia-se, por assim dizer, da concepção reducionista que trata a linguagem apenas como comunicação entre indivíduos, na qual o adulto assumiria o lugar de quem sabe a língua e a criança o de não saber, da qual partem muitos trabalhos na área de fonoaudiologia. A implicação da ordem própria da língua, na abordagem da fala da criança e a explicação de como as mudanças nela ocorrem, distante de uma visão desenvolvimentalista, anunciam pontos de profundas diferenças entre essa proposta teórica frente a outras também chamadas de interacionistas. A teorização de De Lemos (1992, 2002) e colaboradoras (dentre estas, Figueira (1996), Lier-de-Vitto (1994), Arantes (1994) e Maldonade (1995, 2003)) afasta-se da ideia vigente nos estudos de fonoaudiologia, que tem

na díade mãe-criança apenas uma expressão restrita da interação enquanto “troca” (ou contato, comunicação) entre indivíduos, caracterizados pelas teorias da comunicação.

De Lemos propõe, em 2002, que as mudanças que qualificam a trajetória da criança de infans a sujeito-falante são mudanças de posição relativamente à fala do outro, à língua e em relação à sua própria fala. Tais mudanças foram definidas como mudança de posição em uma estrutura, no sentido em que não há superação de nenhuma das três posições, mas uma relação que se manifesta, na *primeira posição*, pela dominância da fala do outro, na *segunda posição*, pela dominância do funcionamento da língua e, na *terceira posição*, pela dominância da relação do sujeito com sua própria fala. Seria na *terceira posição* que a criança, enquanto sujeito falante, se dividiria entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala, sendo capaz de retomá-la, reformulá-la e reconhecer a diferença entre sua fala e a fala do outro, assim como entre a instância subjetiva que fala e a instância subjetiva que escuta de um lugar outro. Essa interpretação se apresentou, portanto, como contra-argumento à interpretação dos fenômenos que apontam para essa divisão como evidência de capacidades metalinguísticas, justamente a partir da discordância entre essas duas instâncias.

Segundo a autora, sua proposta, assentada quer sobre a alteridade radical da língua relativamente ao organismo, quer sobre a consideração daquilo que, na fala da criança, aponta para um sujeito que, ao se constituir na língua, por ela é também dividido; representa acima de tudo uma alternativa à noção de desenvolvimento. Sendo assim, retomando-se o tema deste artigo, pode-se ainda indagar: como o fonoaudiólogo, que tem que avaliar as queixas de crianças com atraso de fala/linguagem, encaminhadas pelo pediatra da unidade básica de saúde lida com isso? O quadro teórico interacionista seria útil para interpretação dos atrasos de fala/linguagem das três crianças? Como o quadro teórico interacionista pode auxiliar o fonoaudiólogo em seus afazeres clínicos?

## APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Inicialmente, nesta seção, será apresentado o funcionamento geral da área de fonoaudiologia na secretaria municipal de saúde e, na sequência, serão expostos os passos dados em direção à seleção dos dados, que possibilitaram nossa reflexão.

De acordo com o fluxograma definido pela secretaria municipal de saúde no *Manual de Fonoaudiologia* (2006), os casos encaminhados para o serviço de fonoaudiologia devem ser feitos mediante o preenchimento de instrumento próprio, denominado *referência e contra referência*, por parte do profissional que solicita qualquer tipo de procedimento, avaliação e/ou tratamento. Essa regra vale não apenas para a área de Fonoaudiologia, mas também para

qualquer outra área da saúde. Tal procedimento visa propiciar uma efetiva comunicação entre o profissional que faz o encaminhamento de determinado paciente para qualquer serviço na área de saúde e aquele que atende o paciente.

Basicamente, no instrumento (formulário) em questão, registram-se: a) os dados de identificação do paciente, tais como: seu nome, idade ou data de nascimento, número de registro na unidade básica de saúde do qual é usuário, endereço e fone; b) dados relativos à avaliação do paciente na área do profissional que solicita o encaminhamento do paciente e/ou descrição do estado do paciente; c) os achados clínicos, procedimentos e/ou resultados de avaliações que o solicitante já tenha realizado<sup>93</sup> anteriormente; d) as razões pelas quais o encaminhamento do paciente é solicitado para determinada área da saúde. Finalmente, o profissional que solicita o encaminhamento do paciente deve: assinar, datar e carimbar o instrumento, que o usuário deverá entregar na unidade básica de saúde a que pertence, para que o fonoaudiólogo tome conhecimento do mesmo, quando for até o estabelecimento de saúde em questão.

A rotina de visitas do fonoaudiólogo às unidades de saúde varia conforme o distrito<sup>94</sup> em que o profissional trabalha, assim como também variam suas ações. Há especificidades territoriais que demandam atenções e atuações diferenciadas. Desta forma, na sua rotina de trabalho de visitas às unidades básicas de saúde de sua região<sup>95</sup>, o fonoaudiólogo tem acesso a todos os encaminhamentos dirigidos à área, devendo ele, após a leitura dos mesmos, ingressar na difícil etapa de priorizar aqueles pacientes que devem ser atendidos rapidamente, ou ainda, verificar se eles necessitariam ser atendidos em outros estabelecimentos que tivessem outros recursos.

Para estabelecer prioridades, o fonoaudiólogo seguiu critérios específicos elaborados pela secretaria de saúde, dispostos no *Manual de Fonoaudiologia*, que é o material utilizado para essa finalidade. De acordo com ele, crianças de 0 a 4 anos que não falam devem ser atendidas prioritariamente. Assim, os três casos de crianças com atrasos de fala/linguagem, que são focalizados neste trabalho, foram selecionados.

---

<sup>93</sup>Costuma-se registrar, também, nesse campo do instrumento, resultados de exames já realizados pelo paciente e/ou diagnósticos feitos anteriormente por outros profissionais da saúde, que podem colaborar para a elucidação do caso.

<sup>94</sup>O município em questão está dividido em 5 distritos na área da saúde, cuja expectativa era de cada um pudesse contar com o trabalho de um profissional fonoaudiólogo. Situação esta, por vezes, difícil de concretizar-se na prática. Deste modo, observa-se que o número de profissionais é insuficiente para atender todas as unidades básicas de saúde.

<sup>95</sup>Elas fazem parte das atividades previstas no “matriciamento”, que é o projeto de trabalho que norteia a atuação do fonoaudiólogo no serviço público em questão.

De acordo com o objetivo proposto aqui, buscou-se, em primeiro lugar, elencar as informações dos prontuários que pudessem ser relevantes para a reflexão, ou a partir das quais fosse possível observar as principais características dos casos estudados. Antes, é preciso esclarecer que nenhuma das três crianças tinha quaisquer outros problemas de saúde conhecidos. Todas tinham passado pela entrevista inicial com a fonoaudióloga, a partir da qual foi possível observar algumas similaridades entre os casos, tais como: a) todas começaram andar entre 1 e 1 ano e 4 meses (1;4); b) não frequentavam creche; c) todas usavam fralda à noite (sendo que uma delas usava em tempo integral); d) duas usavam mamadeira, enquanto que uma ainda era alimentada ao seio; e) todas usavam chupeta.

Com relação ao processo de aquisição da linguagem, observou-se que: as crianças ocupavam pouco seus turnos dialógicos, que quando preenchidos por vocalizações, onomatopeias, e/ou “palavras reduzidas” repostas das falas precedentes no diálogo, nem sempre eram interpretados pelas mães. Conforme os registros apontavam, as mães, por sua vez, invadiam os turnos destinados às crianças, preenchendo-os na interação. Ou seja, “falavam” pelas crianças. Além disso, verificou-se a preocupação excessiva das mães em torno da fala das crianças, na medida em que faziam muitas solicitações e observações referentes aos gestos e ações delas. Uma das mães chegou até assumir uma posição pedagógica, ao perguntar várias vezes “o que é isso?” para a criança, na tentativa de fazê-la falar. Outra característica das falas das mães dirigidas às crianças que merece destaque é o fato de referirem-se a elas em terceira pessoa do singular ou por “bebê” (ou ainda a variante “nenê”) e, muito raramente, pelo nome próprio.

Veja, a seguir, como esses achados foram interpretados à luz da teorização interacionista e suas implicações para a reflexão proposta neste artigo.

### **INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

Os resultados encontrados acima mostraram que seria ingênuo esperar que a simples descrição das manifestações sonoras das crianças pudesse configurar isoladamente padrões de desenvolvimento e/ou progressos no processo de aquisição da linguagem. Neste sentido, torna-se imprescindível ultrapassar o limite imposto pelas descrições das manifestações sonoras infantis e refletir sobre as consequências da linguagem na história da criança. A proposta das três posições da criança no processo de aquisição da linguagem de De Lemos (2002) permitiu tratar, mais de perto, da transformação do *infans* em sujeito falante. Há um sujeito, que capturado pelo funcionamento linguístico, desponta na cadeia significante e ao deslocar-se numa estrutura, ocupa diferentes posições com relação à fala do outro, à língua e a

sua própria fala. Isso significa que para compreender o processo de aquisição da linguagem, é preciso também compreender o movimento que vai da falta à presentificação da fala/linguagem. Desta forma, colocar-se na perspectiva interacionista faz toda a diferença para o fonoaudiólogo, que tem que interpretar dados relativos aos atrasos de fala/linguagem, uma vez que concebe o sujeito como ser constituído na e pela linguagem, assim como é por ela atravessado.

Nessa teorização, a linguagem deixa de ser vista como um acessório ou meramente como um “instrumento externo-expressivo de uma condição interna do sujeito”, conforme aponta Lier-De-Vitto (p. 136, 1994), de forma que as manifestações linguísticas fragmentárias ou até mesmo “corretas” possam ser vistas como reflexos de um saber prévio e interno. Ao contrário, admite-se que não há conhecimento anterior ou fora da linguagem e ainda: se há um plano interno, ele é aquele constituído no e pelo movimento discursivo. Conforme a autora aponta, é a linguagem que dá forma e organiza a experiência humana no mundo. Isso quer dizer que para a criança “dar forma ao seu encontro com o mundo”, será necessário que ela seja, em primeiro lugar, capturada pelo funcionamento linguístico. Ou seja, ocupar um lugar no discurso da mãe e ser inserida na ordem da linguagem.

Deste modo, os dados relacionados anteriormente permitiram verificar que nos três casos de atrasos de fala/linguagem estudados, a “linguagem das crianças” está na “fala” (ou discurso) daquele que já está submetido ao funcionamento linguístico, no caso, a mãe. Foi nas interações que as manifestações sonoras das crianças (e/ou as de ações) puderam ser revestidas de significados pelas mães, que são sujeitos que já se encontram submetidos à ordem própria da língua. Ao mesmo tempo, a criança (que é significada) ocupa um lugar no discurso da mãe, ou seja, um lugar na instância de funcionamento linguístico que é também, de acordo com o interacionismo, uma instância simbólica. Segundo Lier-De-Vitto (1994), no discurso materno fica espelhada a oposição necessária entre o dizer da criança e o da mãe, dialeticamente articulados entre si.

O fato é que uma criança privada do jogo intersubjetivo discursivo poderá ter dificuldades para interpretar o que é dito. Para Lier-De-Vitto (1994), o primeiro passo na linguagem corresponderia à submissão da criança às formas da linguagem, ao significante. Afirma, ainda, a autora que o sentido será encontrado, a princípio, apenas no dizer do outro, no nosso caso, no das mães. Ela aponta que é neste sentido que se deve entender a afirmação de que a relação com a linguagem é fundante na história da criança.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Vorcaro (2003) afirma que o atraso de fala/linguagem ou a inibição do processo de aquisição da linguagem pode demonstrar, além de um desajuste familiar, a impotência da criança em identificar-se e reconhecer-se como si mesma, em distinguir-se socialmente, ou seja, em estruturar-se como sujeito. Já Wiethan, F. M.; Souza, A. P. R.; Klinger, E. F, (2010, p. 442) afirmam que, na visão psicanalítica é frequente a ocorrência de um laço psicopatológico dos pais à criança, o que não permite sua subjetivação, que é fundamental para o desenvolvimento normal da linguagem. Sobre a subjetivação, as autoras afirmam que o rompimento ou enfraquecimento da relação de identificação entre a criança e a mãe (ou quem exerça esta função dita materna) pode desfavorecer a possibilidade de deslocamento da criança no processo de aquisição da linguagem e, conseqüentemente, de constituir-se como sujeito na/pela linguagem.

Assim, a teorização desenvolvida por De Lemos (1982 a 2002) torna-se útil não só para compreender melhor o que a literatura tem referido sob o rótulo de “atrasos de fala/linguagem”, como também propor outro caminho na Fonoaudiologia para a resolução dos mesmos. A proposta interacionista permite “deslocar” o sujeito da aquisição da linguagem do lugar de quem, de fora, toma posse da língua e, ao mesmo tempo, faz dela um de seus atributos ou pertences. Com isso, as mudanças de posição da criança são explicadas a partir do efeito do funcionamento da língua/linguagem. Por esta razão, para o interacionismo não basta descrever e explicar apenas as mudanças linguísticas, pois existem, ao lado destas, as mudanças subjetivas, que ocorrem no processo de aquisição da linguagem. Para De Lemos (2002), em certo sentido, ainda que timidamente, sua proposta também se aproximava do que Lacan, a partir da topologia, afirmara: “O sujeito está, se nos permitem dizê-lo, em exclusão interna a seu objeto” (cf. LACAN [1966] 1998:875 *apud* DE LEMOS 2002). O funcionamento linguístico, do ponto de vista da criança nele inserido, não pode ser apreendido pela descrição de seus enunciados, e sim pelos processos metafóricos e metonímicos (cf. DE LEMOS 1992) conjugados aos seus efeitos.

A reposição de fragmentos da fala do outro para a fala da criança foi definida como “especularidade” na teorização desenvolvida por De Lemos, para escapar ao sentido conferido pelos behavioristas, que no início da década de 80 incidia sobre o termo “imitação”. Mais do que uma noção, a especularidade punha em questão tanto o comunicativo (cuja continuidade se queria preservar) quanto o linguístico (enquanto conhecimento instanciado na fala da criança). Além disso, a especularidade, focalizada atentamente nos trabalhos interacionistas

de M.T. Lemos (2002), Maldonade (1995, 2003) e de Arantes (1994) acabou evidenciando as vicissitudes desse conceito na teorização.

O fato é que muitos pesquisadores e até os dias de hoje, alguns fonoaudiólogos fecharam os olhos diante da imitação ao investigar o processo de aquisição da linguagem da criança. Os que ignoraram o desafio restringiram-se a tomar a imitação recíproca como prova de que o “comunicativo” precedia e determinava o “linguístico” no “desenvolvimento” da criança. Já Peters (1985) eliminou o que o termo imitação teria de “negativo” e o substituiu por “extração”. A autora descartava a relação da criança com a fala da mãe e sua relevância como base de sustentação de um diálogo inicial possível, em favor de um mecanismo perceptual que extraia do *input* porções de maior saliência perceptual e/ou referencial associada ao contexto. O material extraído e armazenado na memória de longo termo era depois utilizado na indução de segmentos e de sua posição em estruturas. A partir dessa operação as unidades lexicais e classes morfológicas eram constituídas. Contrariamente, pesquisadores alinhados à perspectiva interacionista de De Lemos (entre eles, FIGUEIRA (1996) e MALDONADE (1995, 2003, 2010)) dão um passo adiante e não só encarecem a discussão sobre a imitação, como também afirmam seu papel crucial no processo que conduz à sintaxe na fala da criança.

Segundo De Lemos (2002. p. 45), enquanto a relação do linguista com os fatos linguísticos e com a teoria linguística era passível de discussão e de mudança, a do investigador com a fala da criança na área da aquisição de linguagem era imediata isto é, não mediada e literalmente indiscutível. Nem é preciso dizer que o que esse investigador acabava por descrever era a atividade linguística por ele próprio exercida na compreensão dessa mesma fala. Deste modo, essa relação de mão dupla tem sido mais visível no que diz respeito à hierarquia entre componentes, ao tentar responder sobre quais constituintes aparecem antes na fala da criança no processo de aquisição da linguagem. Há, assim, aqueles que aclamam a superioridade de sua análise ao invocar a presença de um determinado constituinte, construção ou expressão na fala inicial da criança. Mas, para analisar as queixas nos atrasos de fala/linguagem, houve a necessidade de alargar a visão com relação aos acontecimentos que marcavam o lugar de cada criança – a singularidade na sua relação na díade, portanto, com o outro e a língua/linguagem, no seu trajeto único no processo de aquisição da linguagem.

Nossos dados deixaram indicado que quando o descolamento da criança na estrutura não ocorre, o atraso de fala/linguagem encontra um terreno propício para acontecer. Tudo se passa como se a criança “se fixasse” ou “não conseguisse sair” da sua posição inicial no processo de aquisição da linguagem proposto por De Lemos (2002). Além disso, o olhar “patologizante” dos

pais à fala da criança e a ausência de escuta e do olhar para suas evoluções, mostraram-se como impedimentos para que o deslocamento da criança no processo de aquisição da linguagem acontecesse. O lugar da criança no discurso da mãe configurou-se como o de dependência, assim como os cuidados que elas demandavam colaboravam para anunciá-las na posição de infans, tais como: uso de chupetas, mamadeiras e fraldas.

Verificou-se que a abordagem teórica interacionista pode oferecer uma visão mais precisa do que acontece nos casos de atraso de fala/linguagem, na medida em que elege a díade mãe-criança como foco de análise da linguagem e não apenas aspectos relativos à comunicação em si e restritos aos papéis desempenhados na situação dialógica.

Há, na área de Fonoaudiologia, um pensamento geral de que quanto mais cedo seja iniciada a intervenção, mais favorável será a evolução dos casos. Em nosso estudo, as díades analisadas indicaram que não houve necessidade de as crianças serem atendidas em terapias individuais em fonoaudiologia. A intervenção no caso das três díades aqui focalizadas se deu sob a forma de *orientação* às mães realizada em grupo, com enfoque dirigido para os aspectos relativos à posição da criança no seu processo de aquisição da linguagem.

Zimerman D. (2007, *apud* WIETHAN, F. M; SOUZA, A. P. R; KLINGER, E. (2010)) aponta que, na área de Fonoaudiologia, diferentes abordagens de intervenção podem ser adotadas: centradas na criança e/ou nos pais, além do atendimento em grupo. Na abordagem com foco na criança, a interação se dá entre paciente e terapeuta, de forma individual. Já a intervenção com foco no atendimento de mães (pais) consiste na realização de entrevistas e debates continuados com os pais das crianças acerca dos temas relacionados à queixa que gerou a busca pelo atendimento, bem como dar acolhimento e esclarecimentos de suas dúvidas, na medida do possível. Para Terçariol (2008), esta abordagem é uma forma de fomentar uma reflexão profunda sobre o exercício das funções e sentimentos parentais para com a criança e como transcendê-los, pois a “boa estimulação” para a linguagem estaria calcada em uma relação flexível entre o filho real e o imaginado e passaria pelos desejos parentais relacionados à criança.

Hoje em dia, a intervenção em grupo tem se apresentado como uma estratégia produtiva durante o período em que as crianças aguardam atendimento nos serviços públicos de saúde, podendo significar tanto a minimização da problemática de linguagem quanto a sua resolução. Segundo Moreira (2007), pode ter como consequência a redução das filas de espera para atendimento fonoaudiológico, pois os próprios familiares estarão colaborando para a evolução das crianças, funcionando como agentes ativos do processo terapêutico, além da importância que a identificação grupal tem para o indivíduo.

Diferentemente, o fonoaudiólogo interacionista que concebe o processo de aquisição da linguagem como um processo de subjetivação procura ser mais abrangente na proposição das práticas terapêuticas. Por isso, esse grupo de profissionais não se contenta apenas com os possíveis acréscimos e/ou aparecimentos de estruturas linguísticas na fala das crianças, pois considera que nem sempre é possível interpretá-las como evoluções no processo de aquisição da linguagem, para dizer o mínimo. Ao lado desses acontecimentos, a posição da criança no processo de aquisição da linguagem tem que ser considerada. Nas três díades analisadas verificou-se que a posição das crianças no processo de aquisição da linguagem era o mesmo que ocupavam no discurso de suas mães: o de dependência. Neste sentido, a análise realizada foi fundamental para determinar os pontos a partir dos quais o processo de orientação às mães fosse conduzido: a) retirada dos hábitos de sucção, que tanto prejudicavam o desenvolvimento da motricidade oral das crianças, quantos as colocavam na posição de bebês, *infans*; b) retirada do uso de fraldas, que também reforçavam sua posição de bebês e de dependentes; c) começar a frequentar creche (ou unidade de ensino regular adequada para a faixa etária das crianças) para desenvolver-se em ambiente social, de modo a constituir interações diferentes das vivenciadas no ambiente doméstico e d) discutir os papéis das mães (evidenciando o de intérprete) e das crianças nos diálogos dos quais participavam, no sentido de deixar a criança preencher seus próprios turnos dialógicos.

Verificou-se aqui que a intervenção em grupo com as mães das três crianças que apresentavam queixas de atraso de fala/linguagem foi eficaz, no sentido que aprimorou a interação mãe-criança, desmistificando a posição pedagógica da mãe como favorável ao processo de aquisição da linguagem e, no geral, a do adulto como provedor de significados. Deste modo, o presente trabalho pode dizer um pouco mais sobre o funcionamento das díades mãe-criança em questão, no processo inicial de aquisição da linguagem e procurou focar algo além do que as relações entre os fragmentos da fala da criança e os enunciados das mães fazem ver.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, L. O fonoaudiólogo, este aprendiz de feiticeiro. In: LIER-DE-VITTO, M. F. (org.) *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 23-37.
- BRUNER, J. The ontogenesis of speech acts. *Journal of Child Language*. Cambridge. Cambridge University Press, n.2, p. 1-19. 1975.
- CAMPINAS *Manual de Fonoaudiologia*. Campinas: Versão Revisada, Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria de Saúde, Câmara Técnica de Especialidades, 2009. Disponível em: <http://2009.campinas.sp.gov.br/saude/>. Acesso em 03 de fev. 2011.

DE LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da Abralin*, n.3, p. 97-126, 1982.

\_\_\_\_\_. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo de cambio. *Substratum*, n.1, p. 121-135, 1992.

\_\_\_\_\_. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 42, p. 41-69, 2002.

DE LEMOS, M. T. G. *A língua que me falta: uma análise dos estudos de aquisição da linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

FIGUEIRA, R. A. O erro como dado de eleição nos estudos de aquisição da linguagem. In: PEREIRA DE CASTRO, M. F. (Org.) *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. P.55-86.

LIER-DE-VITTO, M. F. Aquisição de linguagem, distúrbio de linguagem e psiquismo: um estudo de caso. In: LIER-DE-VITTO, M. F.(Org.) *Fonoaudiologia: no sentido da linguagem*. São Paulo: Cortez, 1994. p.135-144.

MALDONADE, I. R. Erros na aquisição de verbos com alternância vocálica: uma análise sócio-interacionista. 211f. 1995. Dissertação (Mestrado em Aquisição da Linguagem), IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

\_\_\_\_\_. Erros na aquisição da flexão verbal: uma análise interacionista. 169f. 2003. Tese (Doutorado em Aquisição da Linguagem), IEL, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

\_\_\_\_\_. Erros na aquisição da flexão verbal: reflexividade e constituição do paradigma verbal. *Estudos Linguísticos*, v. 39, n. 2, p. 462-476, 2010.

MOREIRA, M. D. A orientação fonoaudiológica a pais e a capacitação da linguagem de seus filhos. 106f. 2007. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

PETERS, A. Language segmentation: operating principles for the perception and analysis of language. In: SLOBIN, D. (ed.) *The crosslinguistic study of language acquisition*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum, v.2, p. 1029-1068, 1985.

SCOLLON, R. A real early stage: an unzipped condensation of a dissertation on child language. In OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. (Eds.) *Developmental pragmatics*. New York: Academic Press, p. 215-228, 1979.

TERÇARIOL, D. A clínica fonoaudiológica: da prática à construção de fundamentos teórico-metodológicos. In: Graña, C. G. *Quando a fala falta: fonoaudiologia, linguística e psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 79-94, 2008.

VORCARO, A. A clínica psicanalítica e fonoaudiológica com crianças que não falam. *Distúrbios da Comunicação*, v. 15, n.2, p. 265-287, 2003.

WIETHAN, F. M.; SOUZA, A. P. R.; KLINGER, E. F. Abordagem terapêutica grupal com mães de crianças portadoras de distúrbios de linguagem. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 15, n.3, 442-451, 2010.

ZIMERMAN, D. A importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade. *Vínculo*, v.4, n.4, p.1-16, 2007.